

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JICELLE VASCONCELOS SANTOS

**TURISMO ALTERNATIVO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA À
TURISTIFICAÇÃO DE MASSA NOS MUNICÍPIOS DA ÁREA DE PROTEÇÃO
AMBIENTAL COSTA DOS CORAIS EM ALAGOAS/BRASIL**

Maceió, Alagoas
2024

JICELLE VASCONCELOS SANTOS

**TURISMO ALTERNATIVO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA À
TURISTIFICAÇÃO DE MASSA NOS MUNICÍPIOS DA ÁREA DE PROTEÇÃO
AMBIENTAL COSTA DOS CORAIS EM ALAGOAS/BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Geografia do Instituto de
Geografia, Desenvolvimento e Meio
Ambiente da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito à obtenção do
título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Lindemberg
Medeiros de Araujo

Maceió, Alagoas
2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237t

Santos, Jicelle Vasconcelos.

Turismo alternativo como forma de resistência à turistificação de massa nos municípios da Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais em Alagoas/Brasil / Jicelle Vasconcelos Santos. – 2024.

51 f. : il. : color.

Orientador: Lindemberg Medeiros de Araujo.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, AL, 2024.

Bibliografia: f. 47-51.

1. Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais (AL). 2. Turismo alternativo. 3. Turismo de massa. 4. Geografia - Estudo e ensino. I. Título.

CDU: 911.3:338.48(813.5)

FOLHA DE APROVAÇÃO

JICELLE VASCONCELOS SANTOS

Turismo alternativo como forma de resistência à turistificação de massa nos municípios da Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais em Alagoas/Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora do
curso de Licenciatura em Geografia
do Instituto de Geografia,
Desenvolvimento e Meio Ambiente,
da Universidade Federal de Alagoas,
e aprovada em 27 de novembro de
2024.

Documento assinado digitalmente
 LINDEMBERG MEDEIROS DE ARAUJO
Data: 22/12/2024 19:14:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo
Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
(Orientador)

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 RAYANNE SANTOS DE ALMEIDA MENDONÇA
Data: 22/12/2024 19:21:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Rayanne Santos de Almeida Mendonça
Colégio Santa Isabel
(Examinadora Externa)

Documento assinado digitalmente
 DANIEL ARTHUR LISBOA DE VASCONCELOS
Data: 22/12/2024 18:51:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos
Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
(Examinador Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Maria Joêmia Vasconcelos, ao meu pai Célio Santos, a minha irmã Marciele Vasconcelos da Silva, ao meu avô José Vasconcelos, a minha avó Terezinha Glória Vasconcelos, ao meu primo Lenildo Vasconcelos Galdino.

Agradeço aos meus amigos Jardel Estevam Barbosa dos Santos, Rayanne Santos de Almeida Mendonça, Emeson Farias Araujo Santos, Eduardo Dantas Ferreira Rodrigues, Sara Fragoso da Silva, Edmilson Alves da Silva Junior, Giovane Alexandre Alves da Silva, Jaqueline Medeiros de Sousa, Geane Araújo de Lima.

Agradeço ao meu digno e admirável orientador Lindemberg Medeiros de Araujo, ao professor e amigo Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos, às minhas duas grandes inspirações Jacqueline Praxedes de Almeida e Ana Paula Lopes da Silva.

Agradeço a Universidade Federal de Alagoas juntamente ao Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo acolhimento e ensino de qualidade. Agradeço a mim pela persistência. Agradeço a Deus.

RESUMO

O presente trabalho tem como recorte espacial os municípios que fazem parte da APA Costa dos Corais (APACC), no litoral norte do Estado de Alagoas. Nesta parte do estado, o segmento turístico predominante é o turismo de sol e mar, que, apesar de sua importância para a economia local, vem sendo objeto de preocupação no que diz respeito aos seus impactos ambientais. Este trabalho tem como objetivo compreender o turismo alternativo como forma de resistência à turistificação do turismo de massa nos municípios da APACC, em Alagoas. A metodologia utilizada incluiu a leitura de trabalhos científicos, incluindo dissertações e papers, visitas de campo, registro fotográfico e acesso ao Banco de Dados do Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento (LTTD/IGDEMA/UFAL). O trabalho mostra que no caso do litoral norte de Alagoas, o turismo de massa se desenvolve com base no segmento turístico de “Sol e Mar”, executado nas várias praias e piscinas naturais da região. Entretanto, além das ofertas de turismo de massa, os municípios que compõem a APACC vêm experimentando o surgimento, também, de ofertas alternativas. Conclui-se que, a despeito da predominância do turismo de massa, o turismo alternativo vem se expandindo na região, representando grande potencial de funcionar como uma estratégia de resistência ao turismo de massa e a seus impactos. Ao mesmo tempo em que propõe, também, este trabalho, objetivos que poderiam ser cumpridos pelo professor de Geografia em sala de aula, a fim de promover o aprendizado e o senso crítico dos alunos a respeito do turismo e a geografia, sobretudo aos alunos que vivem na região da APACC em Alagoas.

Palavras-chave: Turismo Alternativo; Turismo de Massa; APACC; Alagoas; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The present work has as its spatial focus the municipalities that are part of the APA Costa dos Corais (APACC), on the north coast of the Alagoas state. In this part of Alagoas, the predominant tourist segment is sun and sea tourism, which, despite its importance for the local economy, has been the subject of concern regarding its environmental impacts. This work aims to understand alternative tourism as a form of resistance to the touristification of mass tourism in the study area. The methodology used included reading scientific works, involving dissertations and papers, field visits, photographic records and access to the Database of the Territory, Tourism and Development Laboratory (LTDD/IGDEMA/UFAL). The work shows that in the case of the north coast of Alagoas, mass tourism develops based on the tourist segment of "Sun and Sea", carried out on the various beaches and natural pools in the region. However, in addition to the mass tourism offers, the municipalities that make up APACC have also been experiencing the emergence of alternative offers. It is concluded that, despite the predominance of mass tourism, alternative tourism has been expanding in the region, representing great potential to function as a strategy of resistance to mass tourism and its impacts. At the same time that it also proposes this work, objectives that could be met by the Geography teacher in the classroom, in order to promote the learning and critical sense of students about tourism and geography, especially students who live in the APACC region in Alagoas.

Keywords: Alternative Tourism; Mass Tourism; APACC; Alagoas; Geography Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização dos municípios que fazem parte da APACC-AL.....	27
Figura 2 - Santuário do Peixe-Boi Marinho no rio Tatuamunha, em Porto de Pedras-AL.....	33
Figura 3 - Trilha Ecológica Paraíso dos Coqueirais, em Japaratinga-AL.....	34
Figura 4 - Reserva Sítio Bica, em Japaratinga-AL.....	35
Figura 5 - Passeio do Pôr-do-Sol no rio Camaragibe, em Passo de Camaragibe-AL.....	37
Figura 6 - Sítio Arqueológico Histórico Igreja de São Bento, em Maragogi-AL.....	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplos de impactos físico-ambientais e socioculturais que podem ser causados pelo turismo de massa.....	22
Quadro 2 - Área, população e densidade demográfica dos municípios da APACC-AL.....	27
Quadro 3 - Componentes do turismo de massa e componentes do turismo alternativo nos municípios da APACC-AL.....	30
Quadro 4 - Relação dos conteúdos da BNCC com turismo e meio ambiente na região.....	42

LISTA DE SIGLAS

APACC - Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais
APACC-AL - Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais em Alagoas
UC - Unidade de Conservação
OMT - Organização Mundial do Turismo
ONU - Organização das Nações Unidas
LTTD - Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento
IGDEMA - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
UFAL - Universidade Federal de Alagoas
TALC - Tourism Area Life Cycle
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PTCC - Polo de Turismo Costa dos Corais
MTUR - Ministério do Turismo
ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
SEDETUR - Secretaria de Desenvolvimento Econômico e do Turismo
TBC - Turismo de Base Comunitária
RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural Nacional
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
MEC - Ministério da Educação
APA - Área de Proteção Ambiental

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ASPECTOS TEÓRICOS.....	16
2.1	O turismo na Geografia.....	16
2.2	O turismo sob duas formas: o turismo de massa e o turismo alternativo.....	19
3	METODOLOGIAS.....	25
3.1	Caracterização da área de estudo.....	25
3.2	Procedimentos metodológicos.....	27
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
4.1	Turismo alternativo como forma de resistência à turistificação de massa nos municípios da APACC-AL.....	29
4.2	O turismo nos municípios da APACC-AL como recurso analítico nas aulas de Geografia.....	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma das atividades socioeconômicas mais importantes do mundo contemporâneo. Segundo Urry (1996), ser turista é um símbolo marcante da modernidade. Nesse sentido, Barretto (1995) argumenta que o turismo como o conhecemos atualmente surgiu como parte das mudanças econômicas, tecnológicas e sociais que fizeram parte da Revolução Industrial, na Inglaterra, principalmente no século XIX.

O conceito de turismo pode ser definido de diversas formas, normalmente a depender da área de formação científica de quem define. Neste trabalho, adotamos a definição proposta por De la Torre (apud Barretto, 1995, p. 13), que define turismo da seguinte maneira:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Essa definição de turismo valoriza aspectos relevantes para a ciência geográfica, principalmente por contemplar o deslocamento espacial e por enfatizar importantes relações que fazem parte das sociedades humanas, ou seja, o turismo é uma atividade que envolve a movimentação de pessoas de um local para outro, por motivos de lazer, recreação, cultura, entre outros, finalidades que fundamentalmente não envolvem o trabalho.

Além dos diversos objetivos envolvidos nas viagens turísticas, relacionados aos interesses dos próprios turistas, outro ponto relevante para se entender o turismo é a duração de tempo envolvida. A Organização Mundial do Turismo¹, por exemplo, ao definir turismo, faz referência explícita à questão do tempo, como identificado abaixo:

[...] as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras (OMT, 2001, p. 38).

Como o turismo é um fenômeno que envolve o deslocamento de pessoas do

¹ OMT é uma agência especializada integrada à Organização das Nações Unidas (ONU) e configura-se como a principal instituição técnica de nível internacional no campo do turismo. Na OMT são debatidas as grandes questões relacionadas ao turismo.

lugar onde residem para uma estadia temporária em outro lugar, onde não têm residência permanente, as atividades dessas pessoas trazem diversas consequências, para as sociedades visitadas, para o espaço, e para o meio ambiente. Por exemplo, os turistas realizam gastos envolvidos, dentre outros, com transporte, acomodação, alimentação, recreação e entretenimento. Assim, devido a seu potencial de dinamizar as atividades econômicas dos mencionados aspectos, o governo federal, estadual e municipal têm incentivado o crescimento do turismo.

O turismo se tornou uma das principais atividades econômicas do mundo, tendo uma grande participação no Produto Interno Bruto-PIB de diversos países. O turismo estimula a geração de empregos, ocupação e investimentos nas várias atividades que o compõem. Assim, o turismo oferece oportunidades para países e regiões em desenvolvimento, como é o caso do Nordeste do Brasil, que conta com diversos destinos turísticos, principalmente destinos de “sol e mar” (Duda; Araujo, 2014). Entretanto, frequentemente não se dá o mesmo nível de apoio ao desenvolvimento de outros tipos de turismo, como o ecoturismo e o turismo cultural.

Um aspecto relevante do turismo, que tem recebido atenção na literatura, é a sua relação com o espaço geográfico, incluindo o seu impacto no meio ambiente. A crítica recai sobretudo no turismo de massa, devido a seus impactos negativos de ordem ambiental, social e cultural, sobretudo nos espaços litorâneos. Os espaços localizados próximos ao mar normalmente envolvem diversos ecossistemas frágeis, que podem ser seriamente impactados pelo turismo. Isso faz com que tenha se tornado necessária uma discussão a respeito do turismo alternativo. Acredita-se que uma vez bem planejado, o turismo alternativo se torne uma importante forma de resistência ao turismo de massa.

Assim, levando-se em consideração as implicações espaciais do turismo e seu potencial de causar problemas ao meio ambiente, se discute neste trabalho o papel que a geografia escolar pode desempenhar no desenvolvimento de uma visão crítica dos alunos sobre a atividade turística, em uma perspectiva sustentável. É importante que os alunos sejam instigados a observar e diferenciar os impactos das atividades turísticas, buscando compreender as diferenças entre o turismo de massa e o turismo alternativo, nas suas repercussões no espaço geográfico

Nesse sentido, a inclusão de discussões sobre a relação entre turismo e meio ambiente se torna relevante no litoral norte de Alagoas, onde se localiza a Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais (APACC). Discutimos no trabalho como esse debate pode ser incorporado à sala de aula para que os alunos possam ter uma visão mais ampla sobre os impactos positivos e negativos da atividade turística.

Diante do exposto, este trabalho tem como delimitação espacial os municípios que fazem parte da APACC no Estado de Alagoas, desde a foz do rio Meirim, no município de Maceió, até o rio Persinunga, que faz a divisa entre os estados de Alagoas e Pernambuco, mais especificamente, entre os municípios de Maragogi e São José da Coroa Grande, respectivamente. O chamado turismo de “sol e mar” tornou-se dominante como atividade econômica no litoral norte de Alagoas, com atrativos turísticos voltados à recreação em contato com a natureza, sobretudo os seguintes elementos: mar, sol, praia e as piscinas naturais. O objetivo do trabalho é analisar a oferta do turismo de massa do litoral norte de Alagoas, buscando compreender como o turismo alternativo poderia desempenhar um papel de resistência ao turismo de massa. É importante que se desenvolvam ofertas de turismo alternativo na região, principalmente o ecoturismo, para que atuem como forma de resistência ao turismo de massa, no sentido que o turismo alternativo normalmente inclui mais preocupação com a conservação ambiental.

Ao se buscar entender de que maneira o turismo alternativo poderia ser desenvolvido como forma de resistência ao turismo de massa no recorte espacial do estudo, são propostos temas para que professores de geografia os utilizem em sala de aula, a fim de promover a consciência socioambiental cidadã a respeito da relação do turismo com o meio ambiente e APACC.

A metodologia utilizada incluiu a leitura de trabalhos científicos (dissertações e papers) sobre os temas de interesse do estudo; visitas de campo; observação direta; e registro fotográfico. Também se recorreu ao Banco de Dados do Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento (LTTD) do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDEMA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Espera-se que este trabalho, que teve como base uma pesquisa de Iniciação Científica, contribua para ampliar o Banco de Dados do LTTD/IGDEMA/UFAL, e que colabore com a geração de conhecimento sobre o turismo no litoral norte do Estado de Alagoas, particularmente na área de influência da APACC no Estado de Alagoas. A produção de conhecimento sobre esse tema pode oferecer elementos que contribuam para a formulação de políticas públicas referentes ao processo de planejamento e gestão do desenvolvimento turístico na região.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 O turismo na geografia

Embora o turismo possa ter uma longa história, frequentemente o seu surgimento está associado ao século XIX, devido à influência que ele recebeu das mudanças econômicas, sociais, culturais e tecnológicas causadas pela Revolução Industrial. Para Panosso Netto (2010, p. 21), “[...] o termo turismo vem das palavras *tour* e *turn* (inglês), com raiz no latim *tornus* e *tornare*. Com o tempo, foi assumindo o significado de tornar, retornar, girar, dando a ideia de viagem de ida e volta”. Essa característica do turismo, isto é, de o turista se envolver em uma viagem que sai do seu lugar de residência, visita um ou mais destinos turísticos, e volta ao seu lugar de residência, tem grandes implicações para diversas ciências, entre elas, a Geografia, particularmente devido às mudanças espaciais que desencadeia nos lugares e destinos turísticos.

Apesar de frequentemente o surgimento do turismo estar associado ao século XIX, Barretto (1995, p. 43), argumenta que ele surgiu no século XVII, na Inglaterra, e estava relacionado “[...] a um tipo especial de viagem” [...], especial pois se tratava de uma atividade que normalmente ocorre durante o tempo livre e por livre e espontânea vontade. O turismo é diferente do conceito de viagem, pois esta “[...] implica apenas o deslocamento, e o conceito de turismo [...] implica a existência também de recursos, infraestrutura e superestrutura jurídico-administrativa” (Barretto, 1995, p. 43-44), cuja dinâmica causa efeitos no espaço geográfico, meio ambiente, economia e na sociedade.

Para Ignarra (2003, p. 14),

O turismo é uma combinação de atividades, serviços e indústrias que se relacionam com a realização de uma viagem: transportes, alojamento, serviços de alimentação, lojas, espetáculos, instalações para atividades diversas e outros serviços receptivos disponíveis para indivíduos ou grupos que viajam para fora de casa.

Ao envolver o deslocamento de pessoas de um lugar para outro, o turismo inclui o uso de redes de transportes; alojamentos diversos, para essas pessoas se acomodarem; consumo de alimentos e bebidas, e outros elementos da cultura do lugar ou lugares visitados; assim como diversos outros recursos, incluindo o território, o turismo favorece uma série de relações e implicações no espaço geográfico.

O tratamento geográfico do fenômeno do turismo, motivou a publicação de um dos trabalhos mais antigos, em 1905, quando foi usada a expressão Geografia do

Turismo, por J. Stradner (Rodrigues, 1992). É interessante pois além de estabelecer uma relação entre turismo e geografia, logo estabeleceu um domínio acadêmico para que no futuro a Geografia do Turismo viesse aparecer como componente curricular nos cursos de ensino superior. Para Rodrigues (1992, p. 73), do ponto de vista da geografia e de uma maneira geral,

Trata-se de um fenômeno que apresenta áreas de dispersão (emissoras), áreas de deslocamento e áreas de atração (receptoras). É nestas que se produz o espaço turístico ou reformula-se o espaço anteriormente ocupado. É aqui também que se dá o consumo do espaço.

Portanto, o desenvolvimento do turismo proporciona mudanças espaciais, tanto no lugar de onde o turista sai, quanto nos espaços de deslocamento e regiões receptoras. Para o turista sair do lugar onde mora, ele vai precisar, por exemplo, de transporte terrestre e de aeroporto. Os espaços de deslocamento, que envolvem, dentre outros, aeroportos, portos, estradas e estações de ônibus, também passam por mudanças espaciais. Entretanto, é nos destinos que ocorrem as maiores mudanças, pois eles envolvem a construção de pousadas, hotéis, resorts, condomínios turístico-imobiliários e atrativos.

Para além dessas dimensões, as relações do turismo com o espaço são mais complexas do que normalmente se imagina. Enquanto há áreas que utilizam do turismo para atingir os seus objetivos, isto é, a busca por desenvolvimento socioeconômico, outras são construídas exclusivamente para atender os interesses do próprio turismo, o que pode alterar lugares de maneira significativa. Segundo Rodrigues (1992, p. 73),

Distinguem-se facilmente os espaços de vocação turística, como os parques nacionais, onde apesar do turismo ser uma atividade intensamente explorada, não foi esta que os produziram. Por outro lado, encontram-se espaços produzidos pelo turismo e para o turismo, apesar da ausência de quase todos os fatores apontados como favoráveis para a produção do espaço turístico.

Na realidade, há uma forte relação entre a criação das áreas protegidas e o turismo, um fenômeno que remonta pelo menos ao início do século XIX, nos Estados Unidos, quando da criação dos primeiros parques nacionais, como resultado de iniciativas de valorização de paisagens naturais excepcionais, em resposta aos impactos causados pelas indústrias. Dessa forma, as grandes transformações causadas no espaço e meio ambiente pelo avanço da industrialização, motivaram uma busca das pessoas por contato com áreas de natureza preservada.

Rodrigues (1992) também não deixa de apontar as relações que existem entre o turismo e o espaço geográfico, através do entendimento das categorias de análise da Geografia. Entre tantas, de acordo com o autor, “a primeira delas, clássica e mais usual [...] a paisagem” (Rodrigues, 1992, p. 74).

A observação da paisagem assim considerada é de grande importância nos estudos de Geografia do Turismo, uma vez que a paisagem em si é um notável recurso turístico. Tendo em vista que o turista busca na viagem a mudança de ambiente, o rompimento com o cotidiano, a realização pessoal, a concretização de fantasias, a aventura e o inusitado, quanto mais exótica for a paisagem, mais atrativa será para o turista (Rodrigues, 1992, p. 75).

A relação entre as viagens, incluindo as viagens de lazer, é enfatizada por Claval (2015), em seu livro “Terra dos homens: a geografia”. Neste livro, Claval discute como ao viajar por grandes extensões espaciais as pessoas tendem a passar por mudanças nas paisagens, que normalmente estão relacionadas, dentre outros aspectos, a diferentes climas, altitudes, relevos e geologia. Muitas vezes, as pessoas viajam para experimentar a contemplação de variadas paisagens.

O Espaço Geográfico, segundo Milton Santos (1996), é composto por um conjunto de sistemas de objetos e ações. Esses sistemas são criados e movimentados pelos seres humanos, com o objetivo de atingir diversos objetivos, que envolvem, inclusive, objetivos turísticos. Dessa forma, é possível entender que o Espaço Geográfico é passível de transformações provocadas pelo homem, podendo estas ser negativas ou positivas, mas que de fato reorganizam o espaço. Nesse quesito, o turismo tem alta capacidade de transformar o espaço e os lugares nos quais ele se insere (Rodrigues, 1992).

Ao discutir o espaço urbano, Lobato (1989) afirma que este é resultante de ações dos produtores do espaço em função da lógica acumulativa capitalista e essas transformações encaminham a um processo de reorganização espacial. Essa reorganização do espaço é fortemente influenciada pelo turismo, que é uma atividade predominantemente urbana, apesar da crescente busca por destinos de natureza.

O processo de reorganização do espaço contemporâneo é fortemente influenciado pelas atividades turísticas, que se tornaram uma das principais atividades econômicas do mundo atual. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que proporciona desenvolvimento econômico para regiões periféricas, o turismo também pode alterar profundamente o ambiente natural dos destinos. Sendo assim,

O turismo enquanto fenômeno que produz ou de reproduz o espaço interessa à geografia a partir do momento em que ele passa a existir no espaço, no qual

transforma a configuração territorial precedente para atender aos novos usos do território da atividade turística (Almada, 2018, p. 205).

Sua inserção local ou regional requer, e ao mesmo tempo desencadeia, uma reorganização do espaço, pela construção, dentre outros artefatos, de infraestruturas (estradas, redes de saneamento básico, telefonia etc.), resorts, hotéis e atrativos. É que as modificações espaciais causadas pelo turismo, se não bem planejadas, muitas vezes acarretam consequências negativas para o meio ambiente, trazendo uma série de conflitos potenciais, envolvendo, segundo Alves, Ribeiro e Miranda (2018, p. 157), as dimensões do “[...] social, cultural, ambiental, econômico e político”. Ou seja, o turismo tem o potencial de afetar o espaço e as sociedades envolvidas de maneira ampla. Como dito por Cruz (2003, p. 5), “ao menos uma característica intrínseca da prática social do turismo pode nos ajudar a compreender esse fenômeno: o turismo é a única prática social que consome elementarmente o espaço”. É a partir disto que são necessárias políticas públicas de turismo, associadas ao planejamento, urbanização, educação ambiental, entre outros setores de política pública, para que os destinos turísticos não sofram tantos impactos que possam levá-los a uma fase de estagnação, prejudicando o próprio espaço, o meio ambiente, e as sociedades locais, em diferentes escalas.

2.2 O turismo sob duas formas: turismo de massa e turismo alternativo

Uma região pode desenvolver-se através da exploração de diversos tipos de atividades econômicas, entre elas, o turismo, como tem ocorrido no litoral dos estados da região Nordeste do Brasil, como Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas. Os sucessivos governos desses estados responderam às políticas federais de incentivo ao turismo e investiram na criação de infraestruturas básicas, para atrair o interesse da iniciativa privada. Entretanto, isso tem ocorrido principalmente com base no turismo de massa, frequentemente negligenciando-se as potencialidades ao turismo alternativo.

A formulação de políticas de turismo para o litoral dos estados nordestinos não é por acaso. Para que exista o destino turístico, é preciso que o espaço apresente elementos, tais como: paisagens naturais, patrimônios histórico-culturais, eventos, entre uma infinidade de aspectos, aos quais é agregada uma sequência de equipamentos e serviços que atuam para atender o visitante (Fratucci; Moraes; Allis, 2015). Da mesma maneira, se faz necessário levar em consideração a presença do visitante, isto é, o turista, pois de acordo com Equipe MIT (2008 apud Almada, 2018), eles são os primeiros atores que historicamente fazem com que um determinado destino possa existir. Em outras palavras,

o turista é a figura central no turismo, pois a existência dos destinos, com a oferta dos mais variados serviços, só existe porque os turistas os consomem, ao se deslocarem temporariamente para os destinos.

O turismo de massa, de uma maneira geral, e como o próprio nome sugere, caracteriza-se pela alta concentração de turistas em determinado lugar ou destino turístico, o que só se tornou possível com o surgimento dos pacotes de viagem, os quais baratearam as viagens turísticas, permitindo que anualmente milhões de pessoas em todo o mundo realizem viagens de lazer.

Para Cohen (1972 apud Barretto, 1995), turistas de massa individuais seriam aqueles que viajam por intermédio de agências para locais conhecidos, ao mesmo tempo em que turistas de massa organizados seriam aqueles que procuram sempre fazer uma viagem em família dentro de uma “bolha ambiental” que lhes dê o sentimento de segurança, ou seja, os atrativos que motivam as viagens dos turistas alternativos normalmente não são do interesse dos turistas de massa.

No turismo de massa, os destinos são conhecidos de antemão, com o turista já sabendo o que esperar dos atrativos existentes no lugar e suas características. Isso se tornou possível com os avanços dos meios de comunicação, culminando com a internet, que permite inclusive visitas virtuais aos destinos, antes da realização da viagem física no espaço. Outro aspecto relevante do turismo de massa é que os ambientes que compõem os destinos tendem a ser uniformizados, como, por exemplo, por meio de uma gastronomia padronizada, tipo *fast food* e coca-cola (Meirelles, 2017). Atualmente, o *fast food* está à disposição dos turistas em qualquer destino de massa, independentemente do país e sua cultura, como, por exemplo, Estados Unidos, China e Brasil. Além disso,

O turista de massa prefere o divertimento à diversidade, o conforto antes de tudo. Assim, ao mesmo tempo em que o turista “adora” a viagem e o que viu, ele contribui para esgotar sem piedade aquilo que “ama” (Meirelles, 2017, p. 15).

A preservação da diversidade cultural e natural não faz parte da preocupação da maior parte dos turistas de massa. Eles normalmente colocam o seu prazer e comodidade acima dos demais interesses. É em parte por isso que mesmo áreas sensíveis do ponto de vista natural, mas que apresentam grande poder de atratividade, têm sido altamente impactadas ao redor do planeta. É o que se tem verificado, por exemplo, no litoral norte do Estado de Alagoas. As praias, mangues, remanescentes de Mata Atlântica e recifes de

corais dessa parte de Alagoas estão ameaçados pelo turismo de massa (Mendonça; Araujo, 2021).

Esses tipos de problemas ocorrem principalmente porque nas sociedades contemporâneas, dominadas pelo sistema capitalista, busca-se prioritariamente a apropriação de lucro e rentabilidade (Vasconcelos, 2005), os quais são colocados acima dos demais interesses envolvidos nos destinos, incluindo os da população anfitriã e ambientais. Sendo assim, apesar de ser uma atividade eminentemente social, o turismo tem dado grande ênfase à atividade econômica, com destaque para o governo, ao incentivar o crescimento do turismo, na sua capacidade de contribuir com a geração de renda e emprego. Para isso, o governo e setores da sociedade aderem à turistificação do espaço, ao adotarem o turismo como uma alternativa de crescimento econômico. Como consequência, em incontáveis países, regiões e destinos, a turistificação do espaço é um fenômeno facilmente percebido.

Vasconcelos (2017) propôs a seguinte definição para o conceito de turistificação:

“[...] uma porção do espaço geográfico, turistificada, ou territorializada pelo turismo, que abrange territórios pré-existent ao turismo e a contribuição do próprio turismo frente à formação da configuração territorial de uma região, ou localidade [...] (Vasconcelos, 2017, p. 64).

Portanto, o processo de turistificação tem a capacidade de provocar uma profunda reorganização territorial nas áreas que se tornam destinos turísticos. Fica claro que as mudanças incluem a implantação tanto de fixos no espaço (hotéis, resorts, barcos etc.) quanto de fluxos (transportes, capitais, informações etc.), os quais podem reconfigurar os territórios e os lugares de maneira significativa.

O turismo de massa, particularmente na sua vertente litorânea, é um fenômeno que está sujeito a muitas críticas por aqueles que consideram essa atividade um potencial malefício (Araujo; Carvalho, 2013) para o espaço, meio ambiente e populações afetadas. Obviamente, as mudanças causadas pelo turismo podem também trazer benefícios, como a criação de empregos e ocupações, que se refletem na qualidade de vida de parte da população. Entretanto, por contar com uma significativa demanda numérica de consumidores, e por possuir incentivos constantes à expansão da infraestrutura turística, gerando o consumo em larga escala, em curtos espaço de tempo, o turismo de massa tem causado intensos impactos físico-ambientais e socioculturais (Quadro 1).

Quadro 1: Exemplos de impactos físico-ambientais e socioculturais que podem ser causados pelo turismo de massa.

IMPACTOS FÍSICOS-AMBIENTAIS	IMPACTOS SOCIOCULTURAIS
Despejo de lixo na praia e/ou rios (faz com que a qualidade da água se torne inadequada para o banho, além de provocar impactos negativos à fauna marinha).	Aculturação (este fenômeno pode afetar muitos lugares em que a cultura do turista é percebida pelos residentes como superiores à cultura local).
A concentração de residenciais e serviços turísticos de maneira exagerada (podem causar problemas de erosão; além de influir no microclima local).	Mesmo que não haja a aculturação, pode haver a alteração de valores culturais tradicionais.
A proliferação de atividades desportivas pode afetar a tranquilidade do entorno.	A arquitetura também pode se transformar a partir de uma demanda turística.
Mal encaminhamento e gestão dos resíduos gerados.	Especulação imobiliária e elevação do preço de produtos, superfaturamento.

Fonte: Adaptado de Rezende e Rezende (2005).

Todavia, isso não significa que não seja interessante, ou possível, que se discutam maneiras de manejar o turismo de massa com franqueza a cada dia, para, dessa forma, evitar problemas ambientais que podem contribuir para a estagnação dos destinos turísticos, como proposto por Butler (1980), no seu modelo do Ciclo de Vida da Área Turística (TALC – Tourism Area Life Cycle), em inglês.

Como uma forma de resposta ao turismo massificado e seus muitos problemas, incluindo os ambientais, começaram a se desenvolver diversas ofertas de turismo alternativo. O turismo alternativo, devido às suas características intrínsecas e diferenciadas, é considerado um turismo responsável (Gavinho, 2010). Além de buscar valorizar e proteger os lugares visitados, em todos os seus aspectos, o turismo alternativo também busca valorizar as pessoas do lugar visitado, o que é muito importante do ponto de vista da noção de desenvolvimento. Isso é importante, pois em última instância os moradores ou anfitriões dos lugares visitados, com suas características históricas e culturais, são parte do atrativo dos destinos alternativos. Para Gavinho (2010, p. 13), por exemplo,

O turismo alternativo é considerado um turismo responsável, que contribui para a economia local, visa a sustentabilidade a longo prazo, incorpora preocupações ambientais e a minimização dos impactos sobre as sociedades e culturas locais.

Por essas características, o turismo alternativo pode ser incentivado como uma maneira de resistência ao turismo de massa e seus múltiplos problemas. O incentivo ao turismo alternativo em determinado lugar pode ocorrer de várias maneiras. Por exemplo, devido a sua beleza e singularidade cultural um lugar pode começar a receber, espontaneamente, visitantes interessados em conhecê-lo. Em alguns casos, as próprias comunidades desses lugares tomam a iniciativa de desenvolver uma oferta turística alternativa à oferta do turismo de massa. Ainda em outros casos, o próprio governo pode criar políticas de incentivo a investimentos em turismo alternativo.

O turismo alternativo geralmente se desenvolve em espaços pouco convencionais e de menor escala, criado e oferecido pela comunidade local, sejam eles moradores, cooperativas, associações, entre outros. Ou seja, normalmente não se busca desenvolver o turismo alternativo por meio da exploração de grandes regiões geográficas, focando-se mais nas singularidades, o que contribui para valorizar a riqueza natural e cultural dos lugares.

O turismo alternativo está relacionado diretamente à noção de desenvolvimento sustentável, outro aspecto que o diferencia do turismo de massa, que está mais interessado em interesses de lucro em curto prazo, negligenciando os interesses mais diretos dos anfitriões. O turismo alternativo incentiva a utilização dos recursos da natureza de maneira responsável e horizontalização da economia, de tal maneira que todos sejam beneficiados.

Em uma outra perspectiva, o turismo alternativo é, também, considerado um turismo de minorias. Para Barretto (1995, p. 18),

Considerando-se o volume, o *turismo* pode ser de *minorias* ou de *massas*, este critério não se refere ao número de pessoas que viajam em determinada ocasião, mas ao número de pessoas que habitualmente demanda certo tipo de serviço. Aquelas destinações turísticas que todo mundo quer pertencem ao turismo de massas, enquanto aquelas destinações que poucas pessoas querem pertencem ao de minorias.

Para Barretto (1995, p. 20), seria o turismo alternativo “[...] o turismo de interesse específico e para públicos restritos” [...], pois se tratariam de programas caros e muito direcionados. Entretanto, isso não é integralmente verdade, pois há muitas ofertas de turismo alternativo ao alcance de um número crescente de pessoas, com as facilidades atuais de se pagar por uma viagem turística. Além disso, a viagem de turismo alternativo não precisa ser para destinos distantes, o que barateia os custos.

A procura por destinos alternativos é influenciada de várias maneiras, o que reflete a variabilidade entre as pessoas. Cada um de nós, com nossas histórias de vida particulares, buscamos coisas diferentes em termos de destinos a serem visitados. Dentre outras coisas, a motivação varia de motivos como a procura de espaços naturais pelo turista, para estabelecer um contato com a natureza preservada e a fuga do cotidiano estressante dos centros urbanos, da poluição sonora ou do ar, enfim da vida corrida. O que o turista alternativo procuraria é uma forma de recarregar suas energias, viver novas experiências, mas, o mais valorizado, seria a apreciação de um espaço preservado para descanso e acesso a novos conhecimentos. Essa forma de turismo, o turismo alternativo, seria tipificada em diversos tipos de turismo, tais como: Turismo de Base Comunitária, Turismo Rural, Turismo de Aventura, Turismo Criativo, Ecoturismo, entre outros

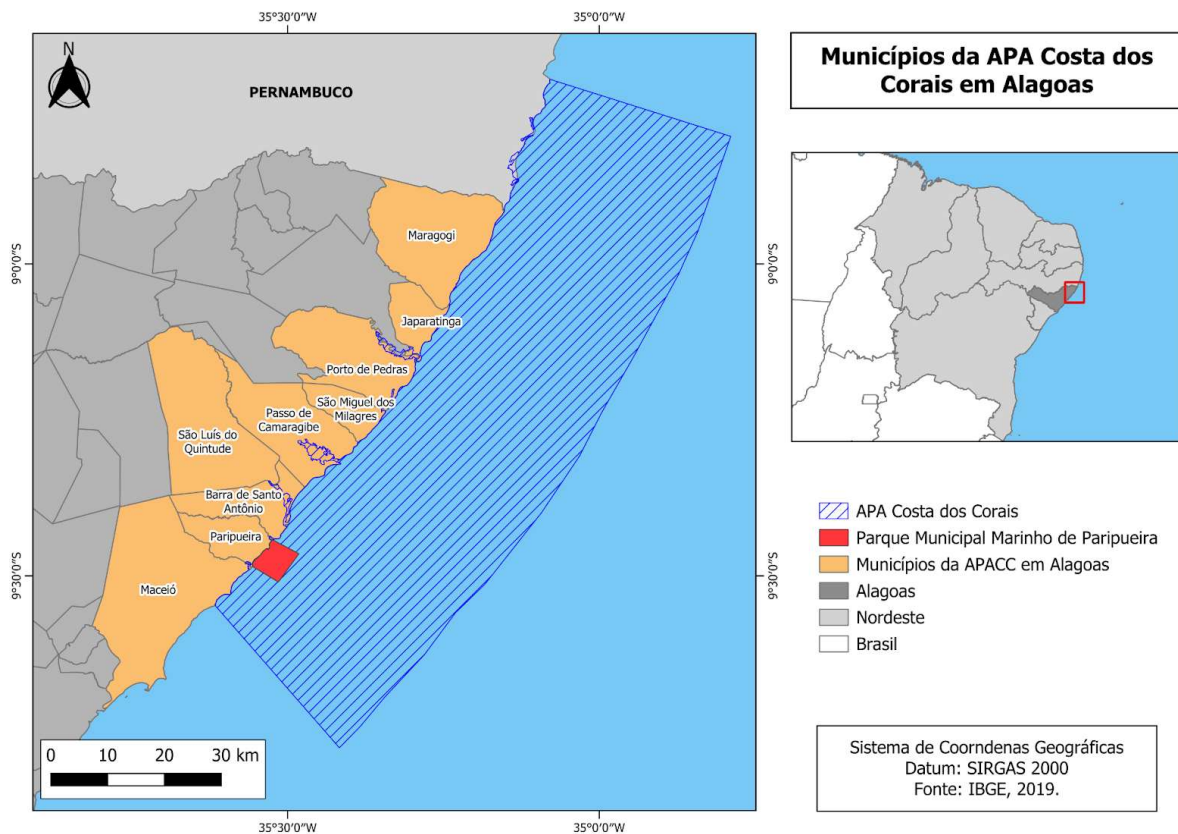
3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da área de estudo

O recorte espacial do estudo é composto pelos nove (9) municípios do litoral Norte de Alagoas que formam a APA Costa dos Corais (APACC), em Alagoas (Figura 1). Com exceção do município de Maceió, os demais municípios da APACC também fazem parte da região turística oficial do Estado de Alagoas, denominada região Costa dos Corais. A APACC é uma Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável, criada em 1997, estendendo-se ao longo de 120 km de litoral, desde a foz do rio Formoso, Município de Tamandaré, sul do Estado de Pernambuco, até a foz do rio Meirim, litoral Norte do Município de Maceió, Estado de Alagoas (ANDRADE, 2020). Ela adentra aproximadamente 35 km no mar. É a maior unidade de conservação federal marinha do Brasil, medindo pouco mais de 413.500 hectares, incluindo, além de área marinha, manguezais, praias, recifes e estuários. Sua gestão é feita pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), entidade vinculada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Além de trazer consigo objetivos gerais que uma UC traz consigo para existir, entre os objetivos específicos da APACC estão garantir a conservação dos recifes de corais e de arenito, proteger os manguezais em toda a sua extensão, manter a integridade do habitat e preservar a população do Peixe-boi marinho, assim como também ordenar o turismo ecológico, científico e cultural, e demais atividades envolvidas com a conservação ambiental (BRASIL, 1997).

Figura 1 – Mapa de localização dos municípios que fazem parte da APACC-AL.



Como é possível observar na Figura 1, a área da APACC em Alagoas se encontra sob a influência de nove municípios, a saber: Maceió, Paripueira, Barra de São Antônio, São Luís do Quitunde, Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres, Porto de Pedras, Japaratinga e Maragogi. Além de grande extensão das águas jurisdicionais do país na costa alagoana, a APACC também inclui todas as praias na sua área, o baixo curso dos rios que têm manguezais, assim como toda a área de ocorrência de manguezais. O Quadro 2, a seguir, apresenta a área, a população e a densidade demográfica dos municípios da APACC, no Estado de Alagoas.

Com base no Quadro 2, se constata que o conjunto dos municípios que formam a APACC, em Alagoas, somam, juntos, 2.042 km², com uma população total de 1.078.128 habitantes (IBGE, 2022); ao todo, a área continental representada pelos municípios que formam a APACC é relativamente extensa. Os municípios que fazem parte da APACC em Alagoas apresentam diferentes níveis de turistificação, com variações de município a município. O número de meios de hospedagem no recorte espacial em questão, juntamente com várias dezenas de catamarãs que operam para as piscinas naturais, são indicativos da grande demanda turística do litoral Norte alagoano.

Quadro 2 – Área, população e densidade demográfica dos municípios da APACC-AL.

MUNICÍPIO	ÁREA	POPULAÇÃO	DENSIDADE DEMOGRÁFICA
Maceió	509,320km ²	957.916 habitantes	1.880,77 hab/km ²
Paripueira	92,788km ²	13.835 pessoas	149,10 hab/km ²
Barra de Santo Antônio	131,364km ²	16.365 habitantes	124,58 hab/km ²
São Luís do Quitunde	397,257km ²	30.873 habitantes	77,72 hab/km ²
Passo de Camaragibe	251,290km ²	13.804 habitantes	54,93 hab/km ²
São Miguel dos Milagres	76,731km ²	8.482 habitantes	110,54 hab/km ²
Porto de Pedras	257,105km ²	9.295 habitantes	36,15 hab/km ²
Japaratinga	85,356km ²	9.219 habitantes	108,01 hab/km ²
Maragogi	334,165km ²	32.174 habitantes	96,28 hab/km ²

Fonte: IBGE (2024), IBGE (2024a), IBGE (2024b), IBGE (2024c), IBGE (2024d), IBGE (2024e), IBGE (2024f), IBGE (2024g), IBGE (2024h).

De forma geral, por se localizar na região Nordeste do Brasil, o litoral da APACC, seja ela na porção do Estado de Alagoas, seja ela na porção do Estado de Pernambuco, apresenta grandes vantagens para o turismo em comparação com o restante do litoral brasileiro, possuindo diferenciais como: clima quente a maior parte do ano; faixas extensas de terras à beira-mar; variedade gastronômica; praias de areia branca e águas mornas e cristalinas, com extensas áreas com baixo nível de urbanização nos terrenos contíguos; extensos coqueirais; rico patrimônio cultural etc. Estas características fazem o desenvolvimento do turismo de sol e mar como o maior protagonista nesta área do país, mas, como já mencionado, não o único. Nos referimos à existência de muitas praias somente neste recorte, sofrendo graus diferentes de demanda turística a cada ano.

3.2 Procedimentos metodológicos

Coleta e análise de dados:

A busca por conhecimentos sobre o objeto de estudo e a coleta de dados ocorreram por meio da leitura de revistas científicas; análise de documentos; levantamento fotográfico e observação de campo. Foram realizadas buscas na internet, através de sites, blogs e plataformas oficiais, como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, Turismo (SEDETUR), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO),

entre outros. Os dados coletados permitiram tanto uma compreensão do contexto do turismo no Litoral Norte de Alagoas, com ênfase nos municípios que fazem parte da APACC, com ênfase nos temas turismo de massa, turismo alternativo e oferta turística. Devido às limitações impostas pela pandemia do Coronavírus (Covid-19), também se usou o banco de dados do Laboratório de Território Turismo e Desenvolvimento (LTDD), assim como relatórios de Iniciação Científica de ciclos anteriores, que poderiam abordar, também, alguns temas de interesse para esta pesquisa.

O trabalho de campo foi realizado nos municípios que fazem parte da APACC-AL, nos dias 21 e 22 de maio de 2021, quando se realizou observação e levantamentos de campo, buscando identificar a diversidade de oferta turística alternativa na região, com destaque a visitas feitas ao rio Camaragibe em Passo de Camaragibe; à Associação do Peixe-Boi Marinho e ao rio Tatuamunha, em Porto de Pedras; Reserva Sítio Bica, em Japaratinga; Trilha Ecológica Paraíso do Coqueirais, em Maragogi; Fortim Bass, em Porto Calvo, e ao Sítio Arqueológico Histórico Igreja de São Bento, em Maragogi. O levantamento fotográfico produziu 244 fotografias. A análise dos dados se deu em forma qualitativa, valorizando os dados que permitiam o alcance dos objetivos do estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Turismo alternativo como forma de resistência à turistificação de massa nos municípios da APACC-AL

Para haver turismo, além dos turistas, é preciso que exista igualmente uma oferta turística, dois fenômenos que estão intimamente relacionados. A oferta turística de um destino consiste de infraestruturas, atrativos, bens e serviços que são preparados para atender às necessidades do turista, tais como: hospedagem, alimentação, recreação e entretenimento (Beni, 2007; Lage; Milone, 1991). No seu conjunto, a oferta motiva o deslocamento do turista até o destino escolhido. O destino turístico Alagoas, por exemplo, oferece diversas opções de ofertas aos seus visitantes, tanto no ambiente continental quanto no ambiente marinho, desde praias, passeios às piscinas naturais, sobretudo às Galés de Maragogi e os passeios de buggy, que são muito procurados no litoral norte do estado. Como mencionado antes, o segmento do turismo de “sol e mar”, dominante no litoral Norte de Alagoas, está inserido no chamado “turismo de massa”. Como é normalmente entendido pelos estudiosos da área, se o turismo de massa não incluir um bom planejamento, ele poderá causar diversos e graves impactos socioambientais.

O turismo alternativo, por outro lado, é considerado um turismo responsável, visando ao fortalecimento da economia local, com preocupação ambiental e a valorização das sociedades e culturas locais, enfim, a sustentabilidade a longo prazo (Gavinho, 2010). Isto porque numa perspectiva geral ele pode englobar variados tipos de turismo, desde o rural, até o cultural e o ecológico, cuja própria concepção está normalmente ligada à adoção de precauções com as comunidades envolvidas e com o meio ambiente. As ofertas de turismo alternativo são vistas como sendo opostas às ofertas convencionais, de sol e mar, causando menos impactos negativos do que turismo de massa, por exemplo, tanto na sociedade quanto no meio ambiente.

No caso dos municípios que fazem parte da APACC em Alagoas, este trabalho identificou a presença e o desenvolvimento de diversas potencialidades e ofertas de turismo alternativo (Quadro 3).

Quadro 3: Componentes do turismo de massa e componentes do turismo alternativo nos municípios da APACC-AL.

COMPONENTES DO TURISMO DE MASSA	COMENTÁRIOS	COMPONENTES DO TURISMO ALTERNATIVO	COMENTÁRIOS
Hoteis, resorts, pousadas, entre outros meios de hospedagem	Causando desenvolvimento urbano acelerado e desorganizado.	Turismo criativo da renda Singeleza	Técnica tradicional, reconhecida como patrimônio cultural imaterial.
Bares e restaurantes	Composto principalmente pela gastronomia tradicional local, com destaque aos frutos do mar.	Hotel Fazenda Cambará	Contando com diversas espécies de animais e rotinas de vida no campo.
Banho de mar	Causando, em alguns lugares, grandes aglomerações e poluição visual e sonora.	Passeio do Pôr-do-Sol no baixo curso do rio Camaragibe	Onde é possível o turista assistir ao pôr-do-sol embarcados em jangadas e pequenos barcos.
Passeio às piscinas naturais	Podendo causar danos aos recifes de corais.	Passeios de Bike	Desenvolvendo-se sobre trilhas de coqueirais etc.
Passeios de buggy	Sobre ambientes de areia, às vezes, sobre praias, vegetação de restinga, etc.	Passeio do Peixe-Boi Marinho	Turismo de base comunitária que se desenvolve no rio Tatuamunha.
-	-	Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, Sítio Bica, município de Japaratinga	Contendo em seu interior O Mirante das Tartarugas. Essa RPPN preserva remanescentes da Mata Atlântica.
-	-	Trilha Ecológica Paraíso dos Coqueirais	Contendo placas de reflexão sobre meio ambiente e local elevando, reservado para apreciação do pôr-do-sol.
-	-	Trilha do Visgueiro, município de Maragogi	Contendo banho de cachoeira, passeio de trator, caminhada em remanescentes de Mata Atlântica etc.
-	-	Fortim Bass em Porto Calvo	Forte holandês construído no século XVII.
-	-	Centros históricos, principalmente de Passo de Camaragibe, Porto de Pedras e Porto Calvo	Com estruturas arquitetônicas da época do Brasil Colônia e posterior. A igreja de Porto Calvo data de 1610
-	-	Bicas da Barreira do Boqueirão	Banho de bica, consistindo de suas

			nascentes, localizadas em encostas próximas.
-	-	Sítio Arqueológico Histórico ruínas do Mosteiro de São Bento	Testemunho histórico de ocupação religiosa em território alagoano.

Fonte: Dados da pesquisa.

É importante mencionar que vários dos serviços que atendem ao turismo de massa, também atendem às demandas do turismo alternativo, como hotéis, pousadas e restaurantes. Como é possível observar nos dados do Quadro 3, o litoral Norte de Alagoas possui um número considerável de ofertas que normalmente estão associadas ao turismo alternativo, ou tendem a ser do interesse de turistas que estão interessados em viver uma experiência verdadeiramente diferente daquelas que são comuns nos lugares nos quais eles residem.

Os atrativos em questão, que constituem apenas parte dos atrativos potenciais desse tipo no litoral Norte de Alagoas, permitem sugerir que um levantamento exaustivo desse tipo de recurso poderia oferecer boas possibilidades de investimentos para explorá-los turisticamente. Entretanto, é importante que o governo tome a iniciativa de promover iniciativas no sentido de encorajar visitas turísticas a atrativos desse tipo. É importante que, diferentemente do que tem acontecido na região, em que os atrativos são criados de maneira espontânea, os órgãos governamentais apoiem o desenvolvimento de interesse dos visitantes a Alagoas sobre esses itens.

Neste caso, seria necessário que houvesse, de fato, planejamento turístico. De acordo com Binfare et al. (2016 apud Molina e Rodriguez, 2001, p. 81), o planejamento “[...] é um processo sistemático e flexível, cujo único fim consiste em garantir a consecução dos objetivos que, sem este processo, dificilmente poderiam ser alcançados”. Especificamente, “O planejamento turístico é um tipo de tomada de decisões e elaboração de políticas, portanto, lida com um conjunto de decisões interdependentes ou sistematicamente relacionadas e não com decisões individuais” (Hall, 2001 apud Binfare et al., 2016, p. 24). Assim, a adoção de planejamento efetivo, com o fim de estruturar atrativos relacionados aos interesses do turismo alternativo, provavelmente teria maiores possibilidades de alcançar seus objetivos.

Retomando as ofertas de turismo alternativo na área estudada, um dos que se destacaram no destino foi o turismo rural. O turismo rural é como uma modalidade mais restrita que o turismo no espaço rural, pois estaria reservado apenas para os casos em

que as atividades rurais tradicionais (agricultura, extrativismo e pesca) desempenham algum papel na visita (Candiotto, 2010 apud Silva; Almeida, 2002). Um exemplo do segmento do turismo rural é o realizado no Hotel Fazenda Cambará, em Passo de Camaragibe. Depois de muitos anos de funcionamento, o Hotel Fazenda Marrecas, localizado em um antigo engenho no município de Maragogi, interrompeu suas atividades turísticas, não tendo sido possível neste estudo esclarecer em que circunstâncias seu fechamento teria ocorrido.

Identificou-se, também, no âmbito do recorte espacial da pesquisa, um importante caso de oferta de Turismo de Base Comunitária. Para o ICMBio (2018, p. 10), referindo-se a unidades de conservação de uso sustentável, Turismo de Base Comunitária (TBC) é entendido como

[...] um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação.

Este seria o caso do Passeio de Observação do Peixe-Boi Marinho (Figura 2), no rio Tatuamunha, município de Porto de Pedras, e o caso dos passeios de jangada a recifes no povoado Ponta de Mangue, município de Maragogi, e em diversos povoados do município de Porto de Pedras. A oferta desses atrativos é organizada e oferecida diretamente por pessoas das comunidades envolvidas, sob a supervisão do ICMBio, quando se trata de áreas dentro da APACC. Protagonizado pela comunidade local, por exemplo, em 2018 a Associação do Peixe-Boi recebeu 14.828 visitantes, o que pôde gerar recursos que beneficiam as famílias que vivem da oferta desse atrativo turístico (Gomes et al., 2019). O citado número de visitantes para observação do peixe-boi representa uma média de aproximadamente 40 visitantes por dia. O preço do passeio, em julho de 2024, era de R\$100,00 por visitante. Sendo assim, em 2018 a Associação do Peixe-boi deve ter faturado em torno de R\$1.400.000,00, se ajustado para os preços atuais. Parte do dinheiro arrecadado é dividido com os associados que atuam como condutores de turistas em pequenas jangadas pelo rio Tatuamunha, até o local onde o projeto de reintrodução do peixe-boi, do ICMBio, está localizado. Esse projeto é um bom exemplo de como o turismo alternativo, se bem planejado e executado, pode contribuir para a geração de renda para pessoas das comunidades locais. Além disso, o caso do peixe-boi marinho é um caso importante de incentivo à preservação de uma espécie ameaçada de extinção.

Figura 2 - Santuário do Peixe-Boi Marinho no rio Tatuamunha, em Porto de Pedras-AL.



Fonte: Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento (LTTD/IGDEMA/UFAL) (05/2021).

Durante a realização dos trabalhos de campo foi possível identificar a existência de algumas ofertas diretamente ligadas ao Ecoturismo, como o caso da Trilha do Visgueiro, no município de Maragogi; a Trilha Ecológica Paraíso dos Coqueirais; e a Reserva da Bica, estes dois últimos no município de Japaratinga. Ou seja, além de se poder explorar o potencial do turismo de sol e mar no litoral Norte de Alagoas, há também já funcionando efetivamente ofertas de ecoturismo. O Ecoturismo é um segmento do turismo que consiste em viajar para áreas naturais, de maneira sustentável, incentivando a conservação e a formação de uma consciência ambientalista (Barros, 2014). Para Barros e Santos (2014, p. 242), por exemplo,

As trilhas ecológicas proporcionam aos visitantes uma compreensão e apreciação mais profunda dos recursos naturais e culturais das áreas visitadas. São usados como meios interpretativos: a interação entre público e o intérprete (guia de turismo), as placas e painéis, os folhetos, a própria trilha são formas de comunicação adequada para o entendimento do público.

Na Trilha Ecológica Paraíso dos Coqueirais (Figura 3), no município de Maragogi, o turista pode desfrutar da pousada local, e da sua trilha, por dentro de um

coqueiral, até uma elevação do terreno onde há um mirante e remanescentes da vegetação nativa. Na parte mais alta, há um ponto estratégico para a contemplação do pôr-do-sol e da paisagem ao redor, que se estende até à praia. Essa trilha contém, ao longo de todo o seu percurso, placas com frases de reflexão sobre o meio ambiente.

Figura 3 -Trilha Ecológica Paraíso dos Coqueirais, em Japaratinga-AL.



Fonte: Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento (LTTD/IGDEMA/UFAL) (05/2021).

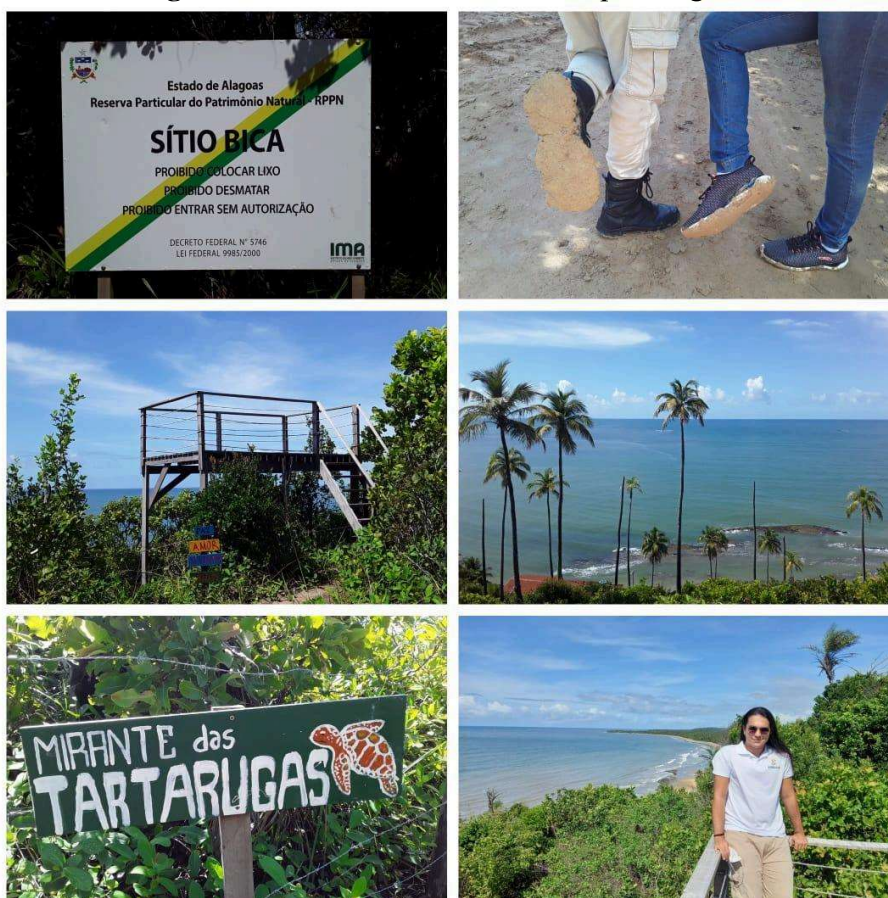
Por seu lado, a Trilha do Visgueiro, localizada na zona rural do município de Maragogi, permite ao visitante acesso a extensa área de Mata Atlântica, a banho de cachoeira, e a passeio de trator, uma vez que a área da trilha está inserida em área rural em que ocorrem vários assentamentos agrícolas.

Para além de Maragogi, também foi identificada uma interessante oferta de ecoturismo, no município de Japaratinga, isto é, a Reserva da Bica (Figura 4). Trata-se de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural-RPPN, a qual conta com uma trilha, onde os visitantes podem entrar em contato com espécies da Mata Atlântica. A reserva oferece dois mirantes localizados na borda da falésia à frente dos quais se encontra a praia e o mar. Um desses mirantes é chamado de Mirante das Tartarugas, as quais podem ser vistas

quando sobem para respirar, quando estão se alimentando em um banco de algas que há no mar, nas proximidades da praia, no interior da APACC.

A Reserva da Bica protege remanescentes da Mata Atlântica, que tem se tornado cada vez mais agredida, como resultado da expansão do turismo de massa no litoral norte de Alagoas. Parte dos loteamentos e condomínios que buscam atender o turismo de massa tem causado desmatamentos dos remanescentes das matas da região. Na área preservada pela reserva, ocorre uma nascente que alimenta uma das duas bicas de Barreiras do Boqueirão, atrativo bastante conhecido em Japaratinga. A outra nascente, que alimenta a segunda bica, está em terreno vizinho ao da reserva. Essas duas bicas vêm sendo usadas pela população local há décadas. Hoje em dia, com a crescente oferta de água encanada, a população local praticamente não usa mais as bicas, que estão integradas ao turismo.

Figura 4 -Reserva Sítio Bica, em Japaratinga-AL.



Fonte: Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento (LTTD/IGDEMA/UFAL) (05/2021).

Além disso, também como exemplo de turismo ecológico, foram identificadas ofertas de passeio de jangadas no rio Camaragibe, município de Passo de Camaragibe-AL

(Figura 5). Nesta oferta de turismo alternativo, chamada de Passeio do Pôr-do-Sol, o turista pode realizar um passeio ecológico no rio Camaragibe, por meio de jangadas adaptadas a esse tipo de uso. O percurso explora parte do baixo curso do rio Camaragibe, tendo como ponto alto a contemplação do pôr do sol, mas também a paisagem natural. Além disso, estes mesmos jangadeiros, através de parceria com agências de turismo, também realizam passeios à praia do Morro de Camaragibe e às Falésias do Morro, ambas localizadas nas proximidades. Essa oferta se enquadra no que é chamado de turismo náutico, o qual inclui a embarcação como principal elemento.

O Turismo Náutico se diferencia dos outros segmentos na medida em que o seu principal elemento caracterizador é um equipamento náutico: a embarcação, que se constitui no próprio atrativo motivador do deslocamento, ao mesmo tempo em que é utilizada como meio de transporte turístico (MTur, 2010, p. 14).

Na realidade, o turismo náutico é um aspecto central da oferta turística do litoral norte de Alagoas, ocorrendo principalmente dentro da APACC. Infelizmente, há o domínio de oferta de turismo de massa, por meio do uso de catamarãs que exploram piscinas naturais. Entretanto, como já mencionado, parte das piscinas naturais tem sido usada por meio de jangadas, como parte de turismo de base comunitária. Contudo, ainda há muito a ser explorado nos rios maiores da região, principalmente Santo Antônio, Camaragibe e Manguaba.

As cidades históricas do litoral norte do Estado de Alagoas – Passo de Camaragibe, Porto de Pedras e Porto Calvo – desempenham algum papel no que diz respeito ao Turismo Cultural, embora de maneira limitada, o que poderia se expandir com planejamento e promoção. Mais uma vez, é importante que o governo tome a iniciativa no sentido de buscar estruturar esse tipo de oferta, criando condições para que a iniciativa privada invista nesse tipo de oferta. O “Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MTur, 2021, p. 13), isto é, algo como as formas de ocupação do tempo livre e as formas de relacionamento com a cultura dos visitantes.

Figura 5 -Passeio do Pôr-do-Sol no rio Camaragibe, em Passo de Camaragibe-AL.



Fonte: Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento (LTTD/IGDEMA/UFAL) (05/2021).

De uma maneira geral, o patrimônio histórico e cultural pode ser explorado para a criação de produtos a serem destinados ao consumo turístico. Isso pode gerar renda para a comunidade e dar visibilidade à história e cultura local, pois, segundo o MTur, “[...] os bens de natureza material e imaterial [...] expressam ou revelam a memória e a identidade das populações e comunidades” (MTur, 2021, p. 14).

Ao todo, o estudo constatou que o litoral norte de Alagoas possui diversos ecossistemas, como mata de restinga, manguezais e formações de Mata Atlântica (remanescentes), com extensos ambientes ainda bem preservados, os quais podem ser usados para se buscar construir ofertas de turismo alternativo, normalmente alinhado com os ideais de desenvolvimento sustentável, se contrapondo ao turismo de massa que persiste na região. O mesmo se aplica ao rico patrimônio histórico e cultural da região. Obviamente, é necessário que seja realizado um levantamento completo dos recursos que possam ser explorados, tanto pelo ecoturismo quanto pelo turismo cultural, o que poderia ampliar a oferta turística do litoral norte.

O turismo alternativo pode criar possibilidades de emprego e renda para grupos e pequenas comunidades em uma região, em que predomina oferta de turismo de massa,

assim estabelecendo relações mais horizontais entre os contextos econômico, social, cultural e ambiental dos lugares. O turismo não é por si só a única causa dos impactos negativos de urbanização desordenada e desigualdades sociais; mas sim o domínio do poder capitalista e a procura desenfreada por lucro e rentabilidade. Para minimizar os problemas potenciais, é preciso a preocupação por parte do poder político e uma ênfase em planejamento turístico dos destinos, juntamente com a inclusão das comunidades, em geral, para que o espaço se aproprie do fenômeno de forma efetiva e sustentável para todos, ou pelo menos de uma maneira mais próxima a isso.

Pode-se dizer que de alguma forma as ofertas turísticas alternativas existentes no litoral norte de Alagoas desempenham algum papel de resistência ao turismo de massa. Por exemplo, a oferta de passeios para observação do peixe-boi marinho em seu habitat natural, particularmente no rio Tatuamunha, depende da conservação dos ecossistemas que envolvem o próprio rio. Assim, a existência do projeto e a necessidade de conservação ambiental para o seu sucesso em longo prazo impõe limitações a intervenções que possam impactar seriamente o meio ambiente. De forma semelhante, a Reserva Sítio Bica e a Trilha do Visgueiro dependem da preservação da natureza para continuarem existindo, ao passo que o turismo de massa frequentemente leva a alterações significativas do meio ambiente, comprometendo de maneira contraditória a sua própria razão de ser, isto é, um meio ambiente conservado. Por seu lado, ofertas alternativas, como os passeios de bike (Toninho Passeios Bike) que são ofertados em Barra de Camaragibe, representam um serviço de mobilidade não poluente, que pode ajudar a construir uma mentalidade diferente para o desenvolvimento turístico em determinados trechos do litoral norte.

Um importante atrativo de cunho alternativo na área de estudo é o Sítio Arqueológico Histórico Igreja de São Bento, em Maragogi-AL (Figura 6). Na realidade, trata-se das ruínas de um mosteiro que o Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural Nacional (IPHAN) estabilizou em 2020. Essas ruínas encontravam-se completamente abandonadas, apresentando-se já bastante degradadas. O trabalho realizado pelo IPHAN permitiu a estabilização desse patrimônio cultural. Este trabalho constatou que esse atrativo cultural é rotineiramente visitado pelos turistas que vem à região, inclusive com a participação da comunidade local e da igreja, em algumas datas específicas ao longo do ano.

Figura 6 - Sítio Arqueológico Histórico Igreja de São Bento, em Maragogi-AL.



Fonte: Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento (LTTD/IGDEMA/UFAL) (05/2021).

O trabalho de campo deste estudo foi muito importante, pois através dele constatou-se uma variedade mais ampla de ofertas alternativas do que a equipe de pesquisa (dois alunos Pibic mais o orientador) inicialmente pensava que existia. Constatou-se, inclusive, oferta recente - Passeio do Pôr-do-Sol no rio Camaragibe,, o qual continua existindo atualmente -, o que talvez seja indicativo de que as ofertas alternativas estão em pleno desenvolvimento na região. Uma vez que a visita de campo foi realizada no ano de 2021, acredita-se que outras ofertas alternativas já tenham se desenvolvido neste ano de 2024 fazendo-se fundamental a continuação desse estudo para atualização da situação atual², sobretudo nos municípios que fazem parte da APACC em Alagoas. No médio e longo prazo, o conjunto das ofertas de turismo alternativo no litoral norte de Alagoas, com benefícios diretos para os indivíduos e comunidades envolvidos, poderá contribuir para o desenvolvimento frente a ofertas de turismo de massa, que tende a beneficiar mais pequenos grupos de pessoas com poder político e econômico, além de causar impactos ambientais significativos. Isso é potencialmente uma dificuldade para

² Dado obtido do LTTD, com base em um projeto atualmente em desenvolvimento no laboratório, financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Alagoas – Fapeal.

que a APACC venha a atingir plenamente os seus objetivos de conservação do meio ambiente, preservação da natureza e desenvolvimento local.

4.2 O turismo nos municípios da APACC-AL como recurso didático nas aulas de Geografia

A Geografia, como ciência humana, estuda as sociedades, buscando compreender como elas produzem espaço. “Essa disciplina discute os fatores referentes ao espaço e, mais, a um espaço concreto finito e delimitável - a superfície terrestre. Só será geográfico um estudo que aborde a forma, ou a formação, ou a dinâmica (movimento ou funcionamento), ou a organização, ou a transformação do espaço terrestre” (Moraes, 2007, p. 45). É com base nesse entendimento que este trabalho foi desenvolvido. Ele refere-se a como o turismo se manifesta no litoral norte de Alagoas, territorializando e transformando o espaço por meio do turismo de massa e turismo alternativo.

Além disso, o turismo diz respeito a um fenômeno que transcende fronteiras de análise, pois conecta o espaço, pessoas, culturas, economia, entre outras áreas quando se realiza. Sua influência na economia global e nos interesses sociais mais populares, nas escalas regional e local, destaca sua importância e papel direto nos processos de globalização. Quando o turismo se desenvolve em uma região, comunidade ou lugar, ele traz muitas influências para as pessoas envolvidas. Entretanto, frequentemente as pessoas atingidas pelo desenvolvimento do turismo não têm uma compreensão dos seus aspectos positivos e negativos. É importante que essa compreensão ocorra. Aqui, então, entra a Geografia Escolar, que

[...] se constitui como um componente do currículo, e, seu ensino, se caracteriza pela possibilidade de que os estudantes percebam a singularidade de suas vidas e, reconheçam a sua identidade e o seu pertencimento em um mundo que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual. É, portanto, uma matéria curricular que encaminha a compreender o mundo e, às pessoas a se entenderem como sujeitos neste mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais. Portanto, através da leitura do espaço o importante é ler o mundo, o que significa compreender aquelas informações que estão no cotidiano das pessoas contextualizadas, compreendendo o significado das formas que desenham as paisagens (CALLAI, 2011, p. 129).

Foi com base no conhecimento gerado por este trabalho que discutimos a possibilidade de inserção de discussão escolar, nas aulas de Geografia, sobre o turismo no Litoral Norte do Estado de Alagoas, onde o turismo se desenvolve com influências recíprocas entre o turismo e os municípios envolvidos e a APACC.

O material didático/ módulo/ bibliografia utilizados como apoio e atividades extracurriculares poderiam variar ao critério do profissional. Durante as aulas, o professor poderia realizar uma atividade prática de mapeamento das UCs do Estado de Alagoas, além de organizar uma visita virtual (a partir do Google Earth) ou real (visita de campo) com os alunos a uma APA local. Realizar convite a um especialista em conservação ambiental para uma palestra ou entrevista no auditório da instituição de ensino também seria uma interessante atividade complementar para a abordagem deste conteúdo de extrema importância.

Dentre os diferentes argumentos que justificam a criação e a existência das Unidades de Conservação, tal como justifica a importância de se trabalhar este conteúdo no ensino de Geografia e educação ambiental, podemos citar: 1) o uso sustentável e controlado por lei dos recursos naturais a serem explorados nessas unidades, que ajuda a respeitar o ciclo biológico das espécies, bem como a preservar seus habitat; 2) as Unidades de Conservação também ajudam a movimentar a economia do país – seja diretamente, por meio do turismo, seja indiretamente, com a manutenção da fauna e da flora, promovendo o equilíbrio natural dos ecossistemas e beneficiando atividades econômicas como a pesca e a agricultura e 3) ajuda a desenvolver a educação ambiental dos ambientes naturais locais de uma determinada região ao mesmo tempo em que desenvolve o senso crítico do alunado e da juventude geral a respeito da conservação ambiental e social de determinada comunidade.

Junto a isto, pode-se discutir-se com os alunos como se dá a relação entre o homem e a natureza, entre a população residente e a unidade de conservação, entre o turista e a área ecológica. Discutir como o turismo se desenvolve na região onde os alunos e família moram, buscando enfatizar os impactos ambientais causados pelo turismo em um determinado recorte espacial do litoral, para o caso dos municípios em questão, com foco na APACC. Se buscaria discutir, também, com os alunos, como o turismo alternativo pode ser uma maneira de resistir ao turismo de massa, criando possibilidades de desenvolvimento local. Estas abordagens podem ser discutidas tanto em sala quanto reforçadas em aula de campo, uma vez que ambas necessitam da introdução do conteúdo teórico já mencionado no início desta proposta para o entendimento do espaço geográfico em questão.

Na disciplina de Geografia, o professor que trabalha em qualquer município da região, por exemplo, poderia planejar uma saída de campo com os alunos de visita ao Santuário do Peixe-Boi Marinho, localizado no rio Tatuamunha, no município de Porto de Pedras, que incentiva o turismo de base comunitária. Isto serviria para alavancar a

percepção crítica dos estudantes a respeito do conceito de lugar, sobre morar em uma região que possui a maior unidade de conservação ambiental marinha do Brasil. Se poderia discutir com os alunos quais atitudes eles podem tomar enquanto futuros cidadãos em relação ao desenvolvimento do turismo na região e no seu lugar, buscando sensibilizar os turistas que visitam a região em relação à necessidade de proteção ao meio ambiente. Esse tipo de atividade também poderia atender aos objetivos dos professores de Ciências e Biologia, em alguns casos, o que permitiria a realização de atividades conjuntas, seja em sala de aula, seja em campo.

Independentemente das características físico-naturais de um destino turístico, sempre haverá uma relação entre as atividades turísticas e o meio ambiente; é nesse sentido que, no decorrer das aulas, o fenômeno do turismo será trabalhado como uma das atividades que precisam de atenção, para não se tornar mais uma ação do ser humano que poderá prejudicar as unidades de conservação, incluindo os recursos nelas existentes, assim como o desenvolvimento sustentável, com benefícios para as comunidades afetadas. As atividades educacionais propostas neste trabalho, relacionadas a turismo e meio ambiente, foram correlacionadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conforme disposto no Quadro 4.

No mais, instigar os alunos a terem uma visão crítica de quais são os impactos do turismo de massa, como: degradação ambiental, retirada da vegetação, poluição visual e sonora, a mudança do espaço geográfico com os resorts e pousadas na paisagem. Se eles percebem esses tipos de problemas no seu dia a dia, são questões que podem ser trabalhadas em sala de aula e que envolvem turismo e a Geografia.

Quadro 4: Relação dos conteúdos da BNCC com turismo e meio ambiente na região.

ASPECTOS DA REGIÃO	ASPECTOS DA BNCC	POSSÍVEL METODOLOGIA DE ENSINO
Projeto Peixe-Boi	(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.	• Discussão em sala; • Pesquisa com público populacional; • Análise crítica do conceito de lugar no projeto.
Resorts, hotéis, pousadas e chalés	(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais	• Discussão em sala sobre urbanização; • Análise do espaço através do Google Earth; • Visita de campo.

	(etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.	
Arquitetura, gastronomia, festas e eventos	(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.	• Discussão em sala dos aspectos culturais da região; • Atividade em sala de degustação gastronômica.
Passeio às piscinas naturais e passeios de buggy	(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.	• Discussão em sala de aula sobre os impactos ambientais decorrentes de práticas de indivíduos; • Discussão em sala de aula sobre consumo responsável; • Visita de campo.

Fonte: Organizado pelo autor.

Além desta proposta, o professor de Geografia pode trabalhar com o turismo em suas inúmeras vertentes de análise, isto é, também pode gerar projetos interdisciplinares com base no Turismo Pedagógico. Segundo Brandão e Aldrigue (2009, p. 05), “[...] o turismo pedagógico tem como intuito promover relações com o ambiente, objetivando a geração de novos conhecimentos, de forma dinâmica e participativa”. Isso é importante, pois o que o turismo pedagógico propõe, compartilha-se junto a ideia de uma educação direcionada principalmente aos interesses de um mundo melhor, da busca pela qualidade de vida e da defesa de bens e de recursos naturais, culturais e ambientais (Nakamura; Machado, 2012). O turismo é uma atividade que tradicionalmente poderia ter interesses semelhantes aos mencionados acima. E esta seria uma segunda proposta.

A partir disso e do ensino do turismo, com base na noção de turismo pedagógico (Scremin; Junqueira, 2012), seria pertinente a possibilidade de trabalhar atividades diferenciadas das convencionais, analisando a região de morada dos alunos, regiões próximas com fluxos turísticos, gerando relatórios individuais e registros fotográficos, além do despertar do interesse do aluno e do despertar da motivação dos professores. No caso específico do destino Litoral Norte de Alagoas, poderiam ser realizadas aulas de

campo em qualquer lugar ou atrativo turístico que tenha características adequadas para serem conhecidas e problematizadas durante as aulas.

O foco voltado para o roteiro e para as atividades pedagógicas a serem desenvolvidas poderia, então, buscar contribuir para o desenvolvimento de uma conscientização ambiental, bem como conhecimento dos fluxos econômicos relacionados ao turismo e à qualidade de vida nas comunidades da região, com ênfase naquelas mais diretamente envolvidas com o turismo. Por ser um projeto pensado para ser interdisciplinar e multidisciplinar, ele poderia envolver temas de outras disciplinas além da Geografia, como: História, Ciência e Biologia, Português, Artes, Educação Física, entre outras. Na Geografia, podem-se analisar as modificações na paisagem; na Educação Física, observar a infraestrutura e o público que pratica corridas/caminhadas/esportes; na História, avaliando como se comporta a formação histórica e cultural do município e seus lugares; na Ciência e Biologia, com a atenção à biodiversidade; e, em Português e Artes, com a elaboração de panfletos a serem distribuídos, entre outras atividades que seriam planejadas para o projeto coletivamente por todos os professores envolvidos.

A Geografia escolar pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento da visão crítica dos alunos sob uma ótica sustentável da atividade turística. Isso é importante porque apesar das muitas interfaces das atividades que fazem parte turismo com a sociedade e a natureza, frequentemente as pessoas dos lugares e destinos turísticos não têm consciência disso. Como mencionado neste trabalho, o turismo é uma atividade socioeconômica importante para a sociedade, podendo contribuir para o desenvolvimento territorial, criando emprego e renda, e chamando a atenção para a necessidade da conservação do meio ambiente; no entanto, como também já foi mencionado, o turismo traz consigo problemas visíveis ao meio ambiente, às pessoas, e ao Espaço Geográfico. Dessa forma, a Geografia escolar pode instigar os alunos a observar e compreender os impactos das atividades de turismo, diferenciando o turismo alternativo do turismo de massa, do comportamento do turista e da sustentabilidade ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a oferta turística do litoral Norte de Alagoas, no que diz respeito aos municípios que fazem parte da APA Costa dos Corais, é composta, principalmente, pelo turismo de “sol e mar”. As bases da oferta turística local giram em torno das praias, do mar e das piscinas naturais. A região apresenta insolação e temperatura atmosférica média relativamente alta durante a maior parte do ano, assim como na maior parte do litoral nordestino. Essas características naturais atraem turistas interessados em interagir com a natureza local, tanto no ambiente continental quanto no ambiente marinho, incluindo passeios náuticos às piscinas naturais, formadas por recifes de arenito e de corais. Entretanto, o turismo nessa região é predominantemente de massa, o que representa grande risco ambiental.

Ao mesmo tempo, este trabalho constatou que o litoral norte conta também com diversas ofertas de turismo alternativo envolvendo, por exemplo, turismo rural, turismo cultural, turismo de base comunitária, turismo criativo, turismo ecológico, turismo náutico fluvial e cicloturismo. As experiências proporcionadas aos turistas por meio desses tipos de turismo são de alguma forma opostas às do turismo de massa, sendo de menor escala e frequentemente observando o meio ambiente e envolvendo pessoas das comunidades litorâneas. O estudo pôde identificar que o turismo alternativo é considerado um turismo sustentável. O estudo identificou que o turismo alternativo é considerado uma importante proposta, no que diz respeito à noção de desenvolvimento, pois ele inclui uma preocupação em fortalecer a economia local, ao mesmo tempo em que se preocupa com a preservação da natureza e conservação do meio ambiente, além de valorizar as comunidades e culturas locais. O avanço das ofertas de turismo alternativo, que está acontecendo no presente, pode contribuir para formas sustentáveis de desenvolvimento turístico no litoral norte de Alagoas, o que, na prática, pode envolver alguma forma de resistência ao turismo de massa.

Esta pesquisa contribui para se pensar na formulação e aperfeiçoamento das políticas públicas de turismo na região, com ênfase em turismo alternativo. Mais especificamente, como um tema central no trabalho, há amplas possibilidades de se explorar o turismo como um tema a ser desenvolvido no âmbito educacional nos municípios envolvidos, mostrando as consequências do turismo de massa e encorajando o entendimento sobre o turismo alternativo como uma forma de resistência ao turismo de massa e sustentabilidade ambiental.

É importante que seja discutido o desenvolvimento do turismo alternativo na região, mostrando a importância das ofertas que já existem e, ao mesmo tempo, incentivando a ampliação desse tipo de oferta. É importante também que se busque contribuir para uma sensibilização entre professores, empreendedores, moradores locais e participantes comunitários, em relação ao turismo como atividade que pode gerar desenvolvimento, mas que também pode causar sérios impactos nos lugares turísticos.

Por fim, acreditamos que a educação, por meio da Geografia e outras disciplinas, pode contribuir no sentido de que todos aqueles que se importam com a biodiversidade, qualidade de vida, geração de empregos e renda, e meio ambiente, enfim, se engajem de forma franca, na busca pelo desenvolvimento local de forma sustentável para todos, um ideal de desenvolvimento que vem ganhando espaço na sociedade nas últimas décadas. Acreditamos que esse desafio pode ser enfrentado também pela Geografia, tanto como ciência que estuda as relações entre as sociedades e natureza, quanto através do ensino dessa ciência, tanto na perspectiva interdisciplinar quanto multidisciplinar e transdisciplinar.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, José Alexandre Berto de. Lugar turístico e território usado: contribuições teóricas ao estudo do Turismo a partir da Geografia de Milton Santos. **Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**. v. 4, n. 15, set./dez., 2018.
- ALVES, Josemery Araújo; RIBEIRO, Márcia Maria Rios; DE MIRANDA, Livia Izabel Bezerra. Sustentabilidade e turismo: uma relação em análise na praia da Pipa/RN. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 9, n. 3, p. 333-341, 2018.
- ANDRADE, João Angelo Peixoto de. **Pesca artesanal, turismo e impactos socioambientais: a percepção ambiental dos pescadores na APA Costa dos Corais (Alagoas/Brasil)**. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Marinhas Tropicais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Marinhas Tropicais, Instituto de Ciências do Mar - LABOMAR, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- ARAUJO, Lindemberg Medeiros de Araujo; CARVALHO, Roberta Cajaseiras de. O turismo de massa em debate: a importância de sua análise para o planejamento turístico do estado de Alagoas, Brasil. **Anais do X Seminário ANPTUR**, Universidade de Caxias do Sul, p. 1-20, 2013.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**: 13.ed. Campinas: SP. Papirus, 1995.
- BARROS, Rubens Pessoa; SANTOS, James Barros dos. O ecoturismo em Alagoas como um instrumento de adoção de boas práticas ambientais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.7, n.2, maio/jul 2014, pp.240-250.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 10 ed. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- BINFARÉ, Paula Wabner.; CASTRO, Cleber Trindade.; SILVA, Michel Vieira; GALVÃO, Patrícia Lins; COSTA, Sinthya Pinheira. Planejamento turístico: aspectos teóricos e conceituais e suas relações com o conceito de turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo-RTC**, Natal, v. 4, Ed. Especial, p. 24-40, abr. 2016.
- BRANDÃO, Indira Toscano; ALDRIGUE, Natália de Souza. Turismo e Educação: dois alicerces indispensáveis. **Revista Eletrônica- Global Tourism- Turismo e Educação**, 2005. Acesso em: 02 de janeiro de 2024.
- BRASIL. 1997. **Decreto S/N, de 23 de outubro de 1997**. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais, nos Estados de Alagoas e Pernambuco, e dá Outras providências, 1997.
- BUTLER, Richard.W. The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. **Canadian Geographer**, vol. 24, no 1, p. 5-12, 1980.
- CALLAI, Helena Copetti. A geografia escolar—e os conteúdos da geografia. **Anekumene**, n. 1, p. 128-139, 2011.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. (2010). Elementos para o debate acerca do conceito de turismo rural. *Revista Turismo Em Análise*, 21(1), 3-24.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. São Paulo: Contexto, 2015.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo** / Rita de Cássia Ariza da Cruz. - 2. ed. São Paulo : Roca, 2003.

DUDA, João Itácito de Moraes; ARAUJO, Lindemberg Medeiros de. Polos de turismo no nordeste do Brasil: crescimento, desenvolvimento e escassez de conhecimento. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 14, n. 3, p. 204-218, 2014.

FRATUCCI, Aguinaldo César; MORAES, CC de A.; ALLIS, Thiago. Espaços e territórios do turismo: reflexões e indagações. **Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, v. 12, p. 2015, 2015.

GAVINHO, Elsa Maria da Conceição Correia. **Projecto ecobike trail na Serra da Estrela: o turismo alternativo na redução da sazonalidade**. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril – ESHTE. 2020.

GOMES, Beatriz Nascimento; SANTOS, Diego da Silva; GARCIA, Lilian Miranda; REIS, Serena Turbay dos. Interpretação Ambiental e Turismo de Base Comunitária como Estratégia para o Desenvolvimento Local na Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais (NE BRASIL). **Conferência Geonatura**, 2019.

ICMBIO. **Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federal: Princípios e Diretrizes**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. 2018.

ICMBIO. **Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/guia-do-visitante.html>. Acesso em: 05 de setembro de 2024.

ICMBIO. Disponível em: **Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais**. <https://www.icmbio.gov.br/apacostadoscorais/>. Acesso em: 05 de setembro de 2024a.

IBGE. **Brasil/Alagoas**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama>. Acesso em: 12 de janeiro de 2024.

IBGE. **Brasil/Alagoas/Barra de Santo Antônio**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/barra-de-santo-antonio/panorama>. Acesso em: 14 de janeiro de 2024.

IBGE. **Brasil/Alagoas/Japaratinga**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/japaratinga/panorama>. Acesso em: 30 de dezembro de 2023a.

IBGE. **Brasil/Alagoas/Maceió**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/panorama>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023b.

IBGE. **Brasil/Alagoas/Maragogi**. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maragogi/panorama>. Acesso em: 30 de dezembro de 2023c.

IBGE. **Brasil/Alagoas/Passo de Camaragibe**. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/passos-de-camaragibe/panorama>. Acesso em: 14 de janeiro de 2024d.

IBGE. **Brasil/Alagoas/Porto de Pedras**. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/porto-de-pedras/panorama>. Acesso em: 14 de janeiro de 2024e.

IBGE. **Brasil/Alagoas/São Luís do Quitunde**. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/sao-luis-do-quitunde/panorama>. Acesso em: 14 de janeiro de 2024f.

IBGE. **Brasil/Alagoas/São Miguel dos Milagres**. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/sao-miguel-dos-milagres/panorama>. Acesso em: 14 de janeiro de 2024g.

IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv23907.pdf>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2022h.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KNAFOU, Remy. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 62-74.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. Campinas, SP: Papius, 1991.

LOBATO, Roberto. O espaço urbano. **Ática**, Rio de Janeiro, 1989.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular-Educação é a Base**. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 13 de janeiro de 2024.

MEIRELLES, Renzo de Souza Alibert et al. **Turismo de massa em Florianópolis e consequências culturais, socioeconômicas e ambientais**. Repositório Institucional da UFSC. Florianópolis. 2017

MENDONÇA, Rayanne Santos de Almeida; ARAUJO, Lindemberg Medeiros de. Superposição de destinos turísticos: desafios para a governança territorial. **GeoTextos**, 2021.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. Annablume, 2007.

MTUR. **Alagoas tem novo mapa turístico**, 2016. Disponível em:
<https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/alagoas-tem-novo-mapa-turistico>. Acesso em: 02 de setembro de 2024.

MTUR. **Segmentação do Turismo-Marcos Conceituais**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo>. Acesso em: 24 de dezembro de 2022.

MTUR. **Sol e Praia: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 2.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

MTUR. **Turismo Náutico: orientações básicas**. Coordenação Geral de Segmentação. 2010.

NAKAMURA, Gleisy Kelly Yasuko; MACHADO, Alisson Bertão. Turismo pedagógico e as possibilidades de ampliação de olhares: roteiro pedagógico na cidade de Santo Inácio-PR. **Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica**, v. 6, p. 1-15, 2012.

OMT. **Introdução ao Turismo**. Trad. Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.

PADILHA, Oscar De La Torre. El turismo, fenómeno social, México, **Fondo de Cultura Económica**, 1992.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é o turismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2010.

REZENDE, Cristiane Ferreira; REZENDE, Daniel Carvalho de. Impactos do Turismo: Uma Análise Sob a Ótica da População Receptora. **ANPAD - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, 2005.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Geografia e Turismo-notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 6, p. 71-82, 1992.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo – Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Nobel, 1996.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. Configuração espacial de Alagoas. **Sobral, CE: Sertão Cult**, 2021.

SCREMIN, J.; JUNQUEIRA, S. Aprendizado diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar. **Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo**, v. 1, p. 26-42, jan./dez. 2012.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Sesc/Studio Nobel, 1996.

VASCONCELOS, Daniel Arthur Lisboa de. Turistificação do espaço e exclusão social: a revitalização do bairro de Jaraguá, Maceió-AL, Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 16, n. 1, p. 47-67, 2005.

VASCONCELOS, D. A. L. de. **Sol, Praia e a “Destinação” da Cidade**: compreendendo a turistificação de Maceió-Alagoas-Brasil. 2017. 168 f. (Doutorado em Arquitetura e

Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.